

## DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE BENTO RODRIGUES

**Breno Totti; Filipe Tadashi; Giuliano Viana; Jéssica Figueiredo; Maiara Viana; Rochele Tambosi; Carla Madureira; Gislene Santos; Naíse Peixoto**

**Resumo:** O trabalho visa trazer a luz às questões relacionadas ao crime cometido pela SAMARCO que atingiu cidades do distrito de Mariana, tendo como área de estudo a cidade de Bento Rodrigues. Foi abordado no trabalho a questão da desterritorialização da população de Bento Rodrigues e em qual grau, bem como se há, em certa medida, algum grau de reterritorialização na cidade de Mariana através de práticas que antes realizadas no antigo Bento. Fez-se necessário para execução da pesquisa entender como se dão as relações com o território que, são dotadas de diferentes aspectos imateriais que abrangem um viés sociocultural, logo, o ser social é também personagem principal na construção do território com a presença da sua identidade cultural. Foi analisado, então, se o crime cometido dizimou não só o espaço físico de Bento, mas também as relações construídas ao longo do tempo. Para isso, foi utilizada uma metodologia de entrevistas em Mariana com a população do antigo Bento que reside no local, a fim de compreender como era a realidade desta população antes e após o crime. Ao final do processo de pesquisa foi constatado que houve um processo de desterritorialização de forma violenta e que, apesar das tentativas dos ex-moradores de Bento, a retomada das práticas se dá de forma lenta e gradual por fatores diversos, sendo alguns a dificuldade de adaptação ao local e ao novo modo de vida.

Palavras - chaves: território; desterritorialização; reterritorialização

### INTRODUÇÃO

O crime da mineradora SAMARCO trouxe à população de Bento Rodrigues, bem como a de outras áreas atingidas, a necessidade de migrar para outras áreas, uma vez que os distritos de Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues foram gravemente afetados com a onda de rejeitos de mineração que os atingiu devido ao rompimento da barragem, destruindo, matando e contaminando o solo tornando as áreas atingidas inviáveis à ocupação. Mais de um ano após o rompimento da barragem, a população ainda encontra-se na luta para a reconstrução de suas casas em um lugar que minimize seus danos econômicos e sociais, vivendo em uma constante situação de vulnerabilidade, muitas vezes a mercê da vontade da mineradora, e enfrentando casos de rejeição pelos moradores de Mariana. Segundo entrevistas a meios de comunicação, os moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, em sua maioria, saíram das áreas e vivem dependentes da empresa Samarco para pagar seus aluguéis.

O processo de deslocamento compulsório, tira da população sua identidade com o lugar em que viviam de maneira muitas vezes traumática, como foi o caso em questão, e ainda mais em casos de comunidades que dependem diretamente do Rio Doce para exercer seu modo de vida.

“O próprio Banco Mundial, preocupado em rebater as críticas por seu envolvimento em grandes projetos, lembra que os deslocamentos compulsórios são uma realidade constitutiva do próprio processo de desenvolvimento capitalista.” (VAINER, 1998, p. 821)

Com a morte do rio, muitos ficaram sem perspectiva de futuro. Segundo Haesbaert, “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente

descontínuo e extremamente complexo” ou seja, este processo visivelmente não deve trazer à população uma realocação que garanta as mesmas condições sociais e econômicas de vida que tinham antes do rompimento da barragem. A identidade da população com o espaço é desenvolvida por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial. Este processo de desterritorialização em Bento Rodrigues anda concomitante ao fenômeno de migrações ambientais causado por fatores antropogênicos.

“[...] as transformações da realidade espacial correm o risco de provocar, ao contrário, um questionamento das construções identitárias; elas devem ser reformuladas ou reconstruídas sobre novas bases. (Claval, 1996, p.16)”

### Localização do Distrito de Bento Rodrigues



Em novembro de 2016, uma petição com 400 assinaturas de pessoas afetadas pela tragédia foi realizada requisitando que não se construa uma nova barreira de contenção nomeada de S4, destinada a evitar escoamento de resíduos pela chuva, pois acarretaria o risco de inundar uma estrutura colonial que permaneceu de pé após a tragédia. Este vínculo com o lugar e a necessidade de se preservar a história que ali se escreveu reflete os laços rompidos entre os moradores e o local.

### Justificativa

Este tema foi escolhido porque é necessário enfatizar dentro da Geografia que as relações de território, além de uma relação de poder em um determinado espaço, são dotadas de diferentes aspectos imateriais que abrangem um viés sociocultural, ou seja, a sociedade é também protagonista na construção do território com a presença da sua identidade cultural. O desastre atingiu também bens naturais, que

jamais voltarão a ser os mesmos onde a natureza, assim como a sociedade, fazia parte paisagem, da memória e da identidade do local onde não existem mais ou são quase inacessíveis. Com base em pesquisas feitas em fontes de jornais e reportagens foi previamente constatado que o processo de desreterritorialização dos moradores de Bento Rodrigues está tirando deles todo o modo de vida que tinham anteriormente a tragédia. Percebe-se através de alguns relatos que os atingidos não tem apenas a necessidade de ter um lugar pra morar, mas também um lugar que reconstrua as redes sociais que eles tinham em Bento Rodrigues. Segundo relatos retirados do jornal A sirene, são as pequenas coisas que juntas trazem à tona o processo de ausência de identidade: Ademais, de acordo com o site da Fundação Renova, constatou-se que no projeto da Nova Bento Rodrigues o subdistrito deixaria de ser área rural para se tornar área urbana o que nos levou a questionar se a população de Bento Rodrigues estaria de acordo com essa mudança em seu modo de vida dentro do processo de reterritorialização.

## **Objetivos**

O trabalho tem como objetivo caracterizar o fenômeno de deslocamento forçado ocorrido devido ao crime do rompimento da barragem do Fundão, através dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização.

## **Objetivos Específicos**

- Fazer um resgate histórico das práticas espaciais em Bento Rodrigues, a partir das memórias de ex-moradores;
- Analisar as práticas espaciais da população de Bento Rodrigues e partir disso, compreender se há um possível processo de reterritorialização em Mariana;
- Buscar compreender a percepção da população atingida pelo desastre nas práticas espaciais cotidianas nesse processo de (des) reterritorialização;

## **Materiais e Métodos**

Para atingir os objetivos almejados, primeiramente o trabalho consistirá em uma pesquisa bibliográfica, sendo esta a partir de trabalhos já realizados sobre o tema, abrangendo jornais, livros, revistas, vídeos e internet. O grupo se propõe também a realizar pesquisas semi-estruturadas com os diferentes agentes, a fim de resgatar o processo de construção histórico-espacial do distrito de Bento Rodrigues, além de realizar uma vivência de alguns dias com alguns dos atingidos para compreender, mesmo que minimamente, as práticas espaciais destes e suas respectivas territorialidades, e através disso,

entender o impacto social que o processo de desterritorialização e reterritorialização causou no modo de vida desta população.

Além disso, por meio das pesquisas semi-estruturadas, nos propomos a vivenciar a nova realidade dos moradores atingidos pelo rompimento da barragem através da coleta de dados, onde os pesquisadores e participantes da pesquisa se relacionam de maneira mais horizontal possível, encarando-os assim como coautores da pesquisas e não como meros informantes. As percepções do modo de vida dos moradores de Bento Rodrigues, para tentar compreender sua identidade, serão feitas através de um viés antropológico de maneira simétrica na relação pesquisador e informante. Embasamos nossa pesquisa metodológica operacional com a condicionante que para entender o processo de identidade dessa população precisamos buscar resgatar em suas memórias os rituais cotidianos. Criando uma analogia no sentido de entender primeiro o processo para depois entender o conceito podemos afirmar que “no empenho de compreender uma religião devemos primeiro concentrar a atenção mais nos ritos do que nas crenças” segundo Cardoso (1998, p. 19). No viés de uma metodologia baseada em olhar, ouvir e escrever não será feito questionários fechados com a finalidade de evitar um poder sobre as suas respostas. Com isso, buscaremos entender o cotidiano dos atingidos através de indagações com um roteiro previamente estabelecido para que o informante nos passe pequenas particularidades do dia a dia que nos mostre elementos de identidade territorial. Iremos averiguar nossas dúvidas através de uma investigação que nos traga resposta para estes questionamentos.

- Onde se localizavam as atividades de trabalho?
- Quais eram as áreas de lazer da população ?
- Com o que trabalhavam em Bento Rodrigues?
- No que estão trabalhando no determinado momento?
- Caso estejam em um novo emprego, sentem falta do antigo?
- Como se sentem alocados neste novo lugar ? Conseguem transpor as mesmas relações que tinham em Bento Rodrigues ?
- Quais são os seus desejos para a Nova Bento ?
- Vocês já tinham relação com Mariana ?
- Mesmo com a Nova Bento, pensam em um outro lugar que esteja distante de tudo que viveram em Bento Rodrigues?
- Existia alguma festa típica no distrito de Bento Rodrigues ? Se sim, após o desastre, vocês as praticam em Mariana ?
- Existia algum alimento típico do distrito de Bento Rodrigues ? Se sim , a sua produção ainda tem a possibilidade de existir ?
- As alocações de Mariana são muito incomuns comparado ao seu modo de viver anteriormente ?
- Vocês sentem falta das relações de vizinhança construídas em Bento Rodrigues ?
- Seus filhos sentem falta da escola anterior ?
- Vocês se sentiam parte de uma comunidade ou o grupo era desarmônico ?

## Metodologia Conceitual

Para prover a pesquisa um fundamento teórico lançamos mão de alguns conceitos que nortearam o trabalho, sendo estes o de território, deslocamento forçado e (des)territorialização que serão analisados paralelamente com as entrevistas feitas em idas ao campo. Entende-se território como um espaço socialmente construído, ou seja, para além do físico dotado de materialidade mas também de imaterialidade com uma dimensão simbólica. De acordo com Haesbaert (2004), o território seria um lugar dotado de territorialidade, no qual esta é intrínseca ao território porém com um caráter maior de apropriação do que de poder sobre determinado local e com isso o território é visto como simbólico e com valor de uso ("abrigo", "lar", segurança afetiva)". O autor aponta que

“Envolve sempre ao mesmo tempo (...) uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 2004)”

Desterritorialização, ainda na visão de Haesbaert (2004) que trabalha esse conceito tendo em vista que o território pode ter um cunho culturalista, como sendo “o desenraizamento, descaracterização e enfraquecimento das identidades territoriais”, reterritorialização e deslocamento compulsório.

Outro conceito importante a ser discutido é o de deslocamento compulsório essencial na nossa pesquisa pois segundo Wainer, “se tratando de deslocamentos compulsórios, a guerra do desenvolvimento tem sido tão implacável quanto as guerras propriamente ditas”, e embora ignorado pela teoria neoclássica da migração, ainda segundo Wainer, “os deslocamentos compulsórios são uma realidade constitutiva do próprio processo de desenvolvimento capitalista.”

## Resultados e Discussão

Foram analisados no total nove relatos, através dos quais tentamos captar os impactos mais expressivos dos ex-moradores de Bento Rodrigues após o crime cometido pela Samarco. Como resultado percebemos que o maior reclamo é a perda das relações de vizinhança, o novo modelo das casas, nas quais não possuem mais quintais e exclui deles o acesso à agricultura como renda complementar e prática social, além das atividades culturais que eram fortemente ligadas à Igreja e que foram extintas devido a dificuldade de organização da comunidade para realizá-las. Ademais vale ressaltar que com o crime da Samarco muitos perderam seus empregos.

De acordo com a análise dos áudios foi possível perceber que a população de Bento Rodrigues perdeu o domínio e o grau de autonomia que tinha sobre o território, mas não as territorialidades/práticas espaciais no qual é predominante no processo de reterritorialização, uma dominância com um maior cunho simbólico do que funcional. É importante enfatizar o grupo "Loucos por Bento", que no processo de reterritorialização, adotam "práticas sociais que buscam resgatar o território, ou seja, praticar ações de territorialização" como por exemplo, acampamentos em Bento Rodrigues, fotografias da igreja que foram tiradas pelos antigos moradores sem a autorização da justiça, uma vez que esta foi tombada pelo IPHAN após o crime, além de protestos no local que foi destruído pela lama.

A desterritorialização como foi debatido anteriormente ao campo, e depois constatado, ocorreu de forma violenta com o processo de deslocamento forçado onde em pouquíssimo tempo a população teve de deixar seus lares, avisada por outra moradora. A Samarco se omitiu e não fez nenhum tipo de aviso sobre o rompimento da barragem, o que levou os ex-moradores à um sentimento de choque, onde em alguns relatos os entrevistados afirmaram que adquiriram problemas de saúde após o crime.

O processo de reterritorialização, um ano e meio após tragédia, ocorre com a precarização das práticas socioespaciais comparada às anteriores, mas também de forma lenta e gradual, levando em consideração que o processo de desterritorialização conduziu à uma exclusão ou privação do território enquanto "recurso" ou apropriação seja material ou simbólica. Foi possível verificar uma confusa condição territorial da população de Bento Rodrigues em Mariana uma vez que a população se configura de maneira complexa e descontínua neste novo espaço. Ademais foi visto que em Bento Rodrigues as atividades feitas no subdistrito eram organizadas por moradores e as questões espaciais levavam à facilidade de se organizar enquanto grupo, uma vez que as distâncias entre eles eram menores, e isto já não ocorre mais em seus novos locais de moradia no centro de Mariana. Esta condição fica explícita na fala de diversos ex - moradores, como por exemplo, na de Seu Zezinho, presidente da associação de moradores de Bento Rodrigues. Este aponta que, mesmo com as tentativas de aproximação, - como ocorria no antigo Bento devido às relações de vizinhança - não conseguiram tal feito de forma a manter os mesmos vínculos que se formaram na antiga cidade. Dentro desse processo de reterritorialização em Mariana, deparamos - nos com a retomada de uma prática importante para a cidade de Bento, sendo esta a 'Festa da Família' no mês de maio, na escola da cidade que reúne os moradores do local. De acordo com a fala da diretora da escola de Bento, Eliene, como a estrutura do local era muito maior na cidade a festa reunia todos os moradores, sendo uma data e comemoração muito simbólica e de suma importância para o calendário cultural de Bento Rodrigues. Diante disso, há a necessidade de perpetuar essa prática em Mariana, mesmo que de maneira menor e que não reúna todos (sem exceção) os moradores do antigo Bento, pois mantém viva a memória da cidade, as práticas e é uma das formas de manter as relações de proximidades formadas em Bento Rodrigues antes do crime da Samarco.

De acordo com Haesbaert (2004) O processo de reterritorialização ocorre concomitante ao de desterritorialização, ou seja, a desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica em uma reterritorialização em outra. A desterritorialização de Bento Rodrigues, de acordo com os dados analisados, foi executada em uma leitura econômica, cartográfica (espacial) e cultural promovendo um grau de desenraizamento nas pessoas em relação aos seus espaços imediatos de vida. Com isso podemos inferir que o processo de reterritorialização tem ocorrido em diversos bairros de Mariana. A escola destinada aos ex-moradores de Bento, havia sido inaugurada uma semana antes da ida ao campo. A produção da geleia de pimenta biquinho foi retomada a partir dos antigos estoques, porém as produtoras ainda não conseguiram voltar a cultivar. A própria festa de São Bento, padroeiro de Bento Rodrigues, em 2016 ocorreu em Mariana, mas segundo os atingidos “não foi a mesma coisa”. Todavia esta ainda encontra-se em curso sendo ainda de caráter obscuro afirmar que esta população já se adaptou ao seu novo lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se identificar através dos relatos a imensa falta que sentem da proximidade das casas, rotina e suas relações de vizinhança e familiares, tais como, poder conversar, andar descalço, deixar portas abertas e trocar alimentos com vizinho, atividades de agricultura familiar. Além disso, os moradores da antiga Bento não se sentem bem-vindos pela população de Mariana, e relataram existir preconceito e falta de espaço para explorar suas manifestações culturais, tais como idas à missa/culto e festas típicas.

Nota - se que é inegável, dados os relatos e o que foi analisado em campo, a existência de um processo de desterritorialização repentino e violento, no entanto tal processo não fez com que a memória e as práticas do povo de Bento se perdesse com o tempo. De fato, há uma dificuldade muito grande na retomada dessas práticas devido aos fatores apresentados, como o preconceito com relação a essa população, o não pertencimento ao novo espaço em que estão inseridos e as dificuldades de adaptação em Mariana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Roberto de Oliveira. O trabalho do antropólogo. Brasília, Paralelo, v. 15, São Paulo, editora UNESP, 1998.
- CLAVAL, Paul, O território na transição da pós-modernidade. *Géographies et Cultures* n. 20. Paris, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Porto Alegre**, 2004.

\_\_\_ 1999a. Redes de diásporas. **Cadernos do Departamento de Geografia**, nº. 2. vol, 2. Niterói. Universidade Federal Fluminense, Jan. Jun.

\_\_\_ **Territórios alternativos**. Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_ 2005. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 29, n. 1,

VAINER, Carlos. “A violência como fator migratório: silêncios teóricos e evidências históricas”

VAINER, Carlos. “Deslocamentos compulsórios, restrições à livre circulação: elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório.” XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 1998.

“Vozes de Mariana”, Direção: Hermano Beaumont. Produção: Jornal Estado de Minas, Minas Gerais - BR, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=moEhIeIJ2I4>>. Acesso em 03 de maio de 2017

Jornal “A sirene “, edição 03/17.